

## Como Ressuscitar os Mortos

### Charles Haddon Spurgeon

*“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios” é a missão dada por Jesus aos seus apóstolos (Mateus 10,8). Esta palestra do pastor Charles Haddon Spurgeon, um famoso pregador batista reformado britânico (1834 – 1892), ilustra bem (não obstante a linguagem e a mentalidade da sua época) a tarefa de “ressuscitar os mortos”, a partir do milagre realizado pelo profeta Eliseu (2 Reis 4:29-37). Texto com algumas pequenas adaptações.*

Caros colegas de serviço na vinha do Senhor, permitam-me chamar a sua atenção para um milagre dos mais instrutivos realizado pelo profeta Eliseu, conforme vem registrado no capítulo quatro do segundo livro de Reis. A hospitalidade da sunanita fora recompensada com a dádiva de um filho. Entretanto, todas as bênçãos terrenais são de possessão incerta; depois de alguns dias o menino caiu enfermo e morreu.

A mãe angustiada, mas confiante, apressou-se a recorrer ao homem de Deus. Por meio dele Deus lhe fizera uma promessa que atendeu aos anelos do seu coração, e assim ela resolveu pleitear sua causa com ele para que a depusesse diante do seu Mestre e obtivesse para ela uma resposta de paz. A ação de Eliseu está registrada nos seguintes versículos:

“Disse o profeta a Geazi: Cinge os lombos, toma o meu bordão contigo e vai. Se encontrares alguém, não o saúdes, e, se alguém te saudar, não lhe respondas; põe o meu bordão sobre o rosto do menino. Porém disse a mãe do menino: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. Então, ele se levantou e a seguiu. Geazi passou adiante deles e pôs o bordão sobre o rosto do menino; porém não houve nele voz nem sinal de vida; então, voltou a encontrar-se com Eliseu, e lhe deu aviso, e disse: O menino não despertou. Tendo o profeta chegado à casa, eis que o menino estava morto sobre a cama. Então, entrou, fechou a porta sobre eles ambos e orou ao SENHOR. Subiu à cama, deitou-se sobre o menino e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então, se levantou, e andou no quarto uma vez de lá para cá, e tornou a subir, e se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes e abriu os olhos. Então, chamou a Geazi e disse: Chama a sunamita. Ele a chamou, e, apresentando-se ela ao profeta, este lhe disse: Toma o teu filho. Ela entrou, lançou-se aos pés dele e prostrou-se em terra; tomou o seu filho e saiu” (2 Reis 4:29-37).

A posição de Eliseu neste caso é exatamente a nossa, irmãos, quanto ao nosso trabalho por Cristo. Eliseu teve que lidar com *um menino morto*. É certo que no caso em foco tratava-se de morte natural. Mas a morte com a qual teremos que relacionar-nos não é menos verdadeira por ser espiritual... Queira Deus que nenhum de nós deixe de compreender inteiramente o estado natural dos seres humanos! Se não tivermos um claro senso da completa ruína e da morte espiritual, não poderemos ser uma bênção para eles. Aproximemo-nos deles não como se estivessem apenas dormindo, e como se por nossa própria capacidade os pudéssemos despertar; mas sim como de “mortos” espirituais que só podem ser vivificados pelo poder divino. O grande objetivo de Eliseu não era purificar o corpo do defunto, ou embalsamá-lo com especiarias, ou envolvê-lo em linho fino, ou colocá-lo em postura própria, e depois deixá-lo, cadáver ainda. Visava a nada menos que a devolução da vida ao menino. Caros colegas, oxalá jamais se satisfaçam com propósitos que se restrinjam a oferecer apenas benefícios secundários... Lutemos pela salvação das pessoas! A nossa ocupação não consiste simplesmente em ensinar a ler a Bíblia, nem tampouco em inculcar os deveres morais, nem ainda em instruir na leitura do evangelho. A nossa sublime vocação é a de seremos os meios, nas mãos de Deus, para “ressuscitar os mortos”. (...)

Portanto, o nosso objetivo é a ressurreição! *Ressuscitar os mortos é a nossa missão!* Somos como Pedro em Jope ou como Paulo em Troas; temos ali uma Dorcas, aqui um Êutico para trazer à

vida. Como é possível realizar obra tão singular? Se nos rendermos à incredulidade, ficaremos atônitos pelo fato evidente de que a obra para a qual o Senhor nos chamou está completamente além da nossa capacidade pessoal. Não podemos ressuscitar os mortos. Se nos pedissem para fazer isso, cada um de nós poderia dizer, como o rei de Israel: “Sou eu Deus, para matar e para vivificar?”.

Contudo, o nosso poder não é menor do que o de Eliseu... (...) *Eliseu não era um homem comum, agora que o Espírito de Deus estava sobre ele*, chamando-o para a obra de Deus, e ajudando-o nessa obra. Nós também (...) fomos enviados ao mundo, não para fazer o que está ao alcance dos homens, mas para fazer aquelas coisas impossíveis que Deus executa por Seu Espírito, empregando como instrumentos os Seus filhos crentes. Você tem de operar milagres, de fazer maravilhas.

Portanto, ao recordar quem é que opera por intermédio da tua pobre instrumentalidade, não considere a “restituição da vida aos mortos” como coisa improvável ou difícil, pois para realizá-la em nome de Deus você foi chamado. “Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?”... A incredulidade vai-lhe sussurrar: “Poderão viver estes ossos?”. Mas a sua resposta deverá ser: “Senhor Jeová, tu o sabes”. Confiando todos os casos às mãos onipotentes, seu dever será profetizar sobre os ossos secos e sobre o vento celeste...

*Tudo teria corrido bem se Eliseu tivesse lembrado que fora outrora servo de Elias, e se tivesse observado o exemplo do seu amo a fim de imitá-lo.* Tivesse feito isso, não teria enviado Geazi com um bordão, mas teria feito logo o que por fim foi constrangido a fazer. No primeiro livro de Reis, capítulo dezassete, acha-se a história de Elias ressuscitando um menino, e se vê aí que Elias, o amo, tinha deixado exemplo completo ao seu servo. E foi só depois de Eliseu o seguir em todos os seus aspectos, que o poder miraculoso se manifestou. Eliseu teria sido sábio, volto a dizer, se desde o início tivesse imitado o exemplo do seu senhor, cujo manto estava usando. Com muito maior ênfase posso dizer-lhes que será bom que nós imitemos o nosso Senhor — estudando os modos e métodos do nosso Senhor glorificado, e aprendendo aos Seus pés a arte de conquistar almas. Exatamente como Ele, cheio da mais profunda compaixão, entrou em íntimo contato com a nossa desventurada natureza humana, e condescendeu em rebaixar-Se à nossa triste condição, assim devemos aproximar-nos das almas com as quais temos de lidar, compadecer-nos delas com a compaixão de Cristo, e chorar por elas, derramando as Suas lágrimas, se é que desejamos vê-las ressurretas do seu estado de pecado. Somente imitando o espírito e a maneira de ser e de agir do Senhor Jesus ficaremos sabiamente habilitados para ganhar almas para Ele.

Todavia, esquecendo isto, Eliseu quis traçar um curso por si próprio, que exibiria com maior evidência a sua dignidade profética. Entregou seu bordão a Geazi e mandou que o pusesse sobre a criança, pois achava que o poder divino era tão abundante em sua pessoa que funcionaria de qualquer maneira. Conseqüentemente, a sua presença e os seus esforços pessoais poderiam ser dispensados. O Senhor não pensava assim. Receio que muitas vezes a verdade que transmitimos do púlpito... é algo alheio a nós, algo que está fora de nós. Como um bordão que levamos na mão, mas que não faz parte de nós. Tomamos a verdade doutrinária ou prática, como Geazi fez com o bordão, e a colocamos sobre o rosto da criança, mas não nos angustiamos por ela. Experimentamos esta doutrina e aquela verdade, esta anedota e aquela ilustração, este modo de ensinar uma lição e aquela maneira de entregar uma mensagem — mas a partir do momento em que a verdade que apresentamos seja uma questão alheia a nós mesmos, sem ligação com a parte mais íntima do nosso ser, não terá sobre uma alma morta maior efeito do que o bordão de Eliseu teve no cadáver da criança. Lastimo dizer que muitas vezes preguei o evangelho neste lugar, seguro de que se tratava do evangelho do meu Senhor, o verdadeiro bordão profético e, todavia, sem resultado por não ter pregado com a veemência, com o zelo, com o amor com que devia ter pregado! E não farão vocês a mesma confissão, de que algumas vezes ensinaram a verdade — sim, a verdade, vocês sabem que o era — a pura verdade que encontraram na Bíblia, por vezes tão enriquecedora para as suas próprias almas, sem que, todavia, se seguisse algum bom resultado dela? E isso porque, conquanto tenham pregado a verdade, não experimentaram como tal em seus corações, nem foram compassivos para

com o “menino” — a quem a verdade era dirigida, mas agiram à moda de Geazi, colocando com mão indiferente o bordão profético sobre o rosto da criança. Não admira que tenham que dizer com Geazi: “Não despertou o menino”, pois o verdadeiro poder capaz de despertar não achou meio apropriado no seu mortífero modo de ensinar. (...)

Observem detidamente o que fez Eliseu quando fracassou em seu primeiro esforço. *Quando falhamos numa tentativa, nem por isso devemos abandonar a nossa obra.* Irmão ou irmã, se você não tem tido sucesso até agora, não é preciso deduzir que não foi chamado para a obra, como tampouco Eliseu podia ter concluído que não seria possível trazer o menino de volta à vida. A lição advinda do seu insucesso não é: cesse a obra, mas sim, mude o método. O que está fora de lugar não é a pessoa; o plano é que não é sábio...

Entretanto, não repita, usando o mesmo método, a menos que esteja certo de que é o melhor. Se o seu primeiro método não obteve bom êxito, terá que aperfeiçoá-lo. Examine-o até encontrar o ponto em que falhou, e então, mudando o seu modo de agir, ou o seu espírito, o Senhor pode prepará-lo para um grau de utilidade que ultrapassará todas as expectativas...

Irmãos, notem onde estava colocado o menino morto: “E, chegando Eliseu àquela casa, eis que o menino jazia morto sobre a sua cama”. Esta era a cama que a hospitalidade da sunamita preparara para Eliseu, a famosa cama que, com a mesa, a cadeira e o candeeiro, jamais será esquecida na igreja de Deus. Aquela cama seria usada para uma finalidade em que a boa mulher nem podia pensar quando, por amor ao profeta de Deus, preparou-a para seu repouso. Gosto de imaginar o menino deitado nessa cama, porque ela simboliza o lugar onde hão de jazer os nossos filhinhos não convertidos, se queremos vê-los salvos.

Se havemos de ser uma bênção para eles, devem jazer em nossos corações, devem ser nossa carga dia e noite. Devemos levar conosco os casos deles ao silêncio do nosso leito. Temos que pensar neles nas vigílias da noite, e quando não pudermos dormir por causa da nossa preocupação, é preciso que eles compartilhem nossas ansiedades nas horas tardias. Nossa cama deverá testemunhar nosso clamor... Elias e Eliseu nos ensinam que não devemos colocar o menino longe de nós, fora de casa, ou numa caverna subterrânea de fria negligência, pelo contrário, se queremos devolver-lhe a vida, devemos colocá-lo na mais calorosa compaixão dos nossos corações.

Continuando a leitura, vemos: “*Então entrou ele, e fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor*”. Agora o profeta se lança de coração ao trabalho, e temos uma excelente oportunidade para aprender dele o segredo da obra de “ressuscitar os mortos”. Se voltarem à narrativa de Elias, verão que Eliseu adotou o método ortodoxo, o método do seu senhor Elias. Lerão ali: “E ele lhe disse: Dá-me o teu filho. E ele o tomou do seu regaço, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo habitava, e o deitou em sua cama. E clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, também até a esta viúva, com quem eu moro, afligiste matando-lhe seu filho? Então se mediu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, rogo-te que torne a alma deste menino a entrar nele. E o Senhor ouviu a voz de Elias, e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu”.

O magnífico segredo se encontra, em grande medida, na súplica vigorosa: Eliseu “fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor”. Diz o velho provérbio: “Todo púlpito fiel tem sua base no céu”, significando que o verdadeiro pregador tem muito contato com Deus. Se não rogamos a bênção de Deus, se o alicerce do púlpito não estiver firmado na oração particular, o nosso ministério em público não terá sucesso. Assim se dá com vocês. O poder de todo verdadeiro mestre deve provir do alto. Se não estiverem habituados a entrar em seu quarto, fechando a porta; se não rogarem junto ao trono da misericórdia pela criança que está aos seus cuidados, como poderão esperar que Deus lhes honre com a conversão dela? (...)

*Depois de orar, Eliseu adotou os meios apropriados.* A oração e os meios devem andar juntos. Meios sem oração — presunção! Oração sem meios — hipocrisia! Ali estava o menino, e diante dele o venerável homem de Deus! Observem o seu singular modo de agir. Inclina-se sobre o cadáver, e põe a boca sobre a do menino. A boca morta e fria da criança recebe o toque dos lábios

cheios de calor e vida do profeta, e uma corrente vital de saudável e cálida respiração é enviada através das frígidas e pétreas vias bucais sem vida, percorrendo a garganta e os pulmões. Em seguida, o santo homem, com o amoroso ardor da esperança, coloca os olhos sobre os da criança, e as mãos sobre as dela. As mãos cálidas do ancião cobrem as gélidas mãos da criança morta.

Depois se estende sobre o cadáver e o cobre inteiramente como querendo transmitir sua própria vida ao corpo inanimado, para morrer com ele ou fazê-lo reviver. Ouvi falar de um caçador de camurça que serviu de guia a um medroso viajante. Quando se aproximavam de uma parte perigosa da estrada, o guia se amarrou firmemente ao viajante, e disse: “Ou ambos, ou nenhum de nós”. Isto é: “Ou viveremos os dois, ou nenhum de nós; somos um”. Foi deste modo que o profeta firmou misteriosa união entre si e o menino, e decidiu que, ou ficaria enregelado com a morte do menino, ou o aqueceria com a sua vida. Que nos ensina isto?

As lições são muitas e óbvias. Vemos aqui, como num quadro, que se quisermos dar vida espiritual a um menino, precisamos compreender o mais claramente possível a sua condição. Está morto, completamente morto... Prouvera Deus, caros mestres, fazer-lhes entrar em contato com essa morte numa penosa, esmagadora, humilde e compassiva empatia. Digo-lhes que, na conquista de almas, devemos observar como o nosso Mestre agia. Pois bem, como agia? Quando quis levantar-nos da morte, que Lhe foi necessário fazer? Teve de morrer. Não havia outro caminho.

Assim se dá com vocês. Se é que pretendem ressuscitar o tal menino, terão que sentir em si mesmos o frio e o horror da morte que há nele. É preciso um homem em agonia para dar vida a homens agonizantes. Não creio que possam tirar um tição das chamas sem chegar a mão bastante perto para sentir o calor do fogo... É minha convicção que o pregador não poderá falar sobre tais assuntos enquanto não os sentir pesar sobre ele como uma carga pessoal imposta pelo Senhor. “Preguei em cadeias”, dizia John Bunyan, “a homens em cadeias”. Estejam certos de que, quando estiverem alarmados, deprimidos e esmagados por causa da morte que há nos seus ‘meninos’, é então que Deus está prestes a abençoar-lhes.

Portanto, compreendendo o estado do menino, e havendo posto a boca sobre a dele, e as mãos sobre as dele, deverão em seguida esforçar-se para adaptar-se quanto possível à natureza, aos hábitos e ao temperamento do menino. Sua boca deve detectar as palavras próprias do menino, de modo que saiba o que lhe querem dizer. Deverão ver as coisas com os olhos dele, e o seu coração deve ter os sentimentos que ele teria, para que sejam seus companheiros e amigos... Não devem impacientar-se face às dificuldades deste trabalho, nem achá-lo humilhante ... ou excessivo. Deus não quererá ressuscitar ninguém por intermédio de vocês, se não se dispuserem a ser tudo para ele, para de algum modo poderem ganhar sua alma para Cristo.

Está escrito que o profeta “se estendeu sobre” o menino. Poder-se-ia pensar que devia estar escrito que ele “se encolheu”. Eliseu era adulto, e o outro era menino. Não se deveria dizer que “se encolheu”? Não; “estendeu-se”. E notem bem, coisa difícil é um homem estender-se sobre uma criança. Não é tola a pessoa capaz de falar a crianças. O tolo estará muito enganado se pensar que suas tolices podem interessar aos meninos e às meninas. Ensinar aos pequeninos exige nossos melhores talentos, nossos estudos mais diligentes, nossos pensamentos mais rigorosos, e nossas faculdades mais amadurecidas. Por estranho que pareça, vocês não conseguirão dar vida ao menino enquanto não se estenderem. O homem mais sábio precisará pôr em ação todos os seus talentos para ter sucesso como professor de jovens.

Vemos, pois, em Eliseu a percepção da morte do menino e sua adaptação à tarefa que lhe cabia; mas, acima de tudo, vemos compassiva *empatia*. Enquanto o profeta sentia a frieza do cadáver, o seu calor pessoal ia penetrando no corpo morto. Isto, por si só, não ressuscitou o menino, mas Deus agiu por esse meio. O calor do corpo do ancião passou para o menino e foi o meio para dar-lhe vida. Devemos ponderar estas palavras de Paulo: “Antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, *mas ainda as nossas próprias almas*; porquanto nos éreis muito queridos”. O genuíno conquistador de almas sabe o que isto significa. De minha parte, quando o Senhor me ajuda a pregar, uma vez apresentado o tema todo, e depois de haver

disparado a ponto de deixar a arma como brasa viva, muitas vezes muni a arma com meu próprio ser e disparei o meu coração nos ouvintes; e esse disparo é que, pela graça de Deus, conseguiu a vitória.

Deus abençoará por Seu Espírito Santo a nossa ardente afinidade com a Sua verdade, e fará que esta realize o que a verdade sozinha, pregada friamente, não poderia fazer. Aqui, pois, está o segredo... Deve sentir como se a ruína desse ‘menino’ fosse a sua própria ruína. Deve sentir que, se a pessoa permanecer sob a ira de Deus, isto lhe causa tanto sofrimento como se você mesmo estivesse sob a ira divina. Deve confessar os pecados dele a Deus como se fossem teus, e pôr-se na presença de Deus como sacerdote a rogar por ele. A criança foi coberta pelo corpo de Eliseu, e você deve cobrir sua (quem Deus lhe confia) com compaixão, estendendo-se agonicamente diante do Senhor, procurando o bem estar deles. Observem neste milagre o processo usado para ressuscitar o morto: o Espírito Santo continua misterioso quanto as suas operações, mas a forma dos meios externos é-nos revelada claramente aqui.

Apareceu logo o resultado da obra do profeta: “*a carne do menino se aqueceu*”. Quão satisfeito deve ter-se sentido Eliseu. Mas não creio que seu prazer e satisfação o tenham levado a afrouxar os seus esforços. Diletos amigos, nunca se dêem por satisfeitos ao ver os seus ‘meninos’ numa condição ligeiramente esperançosa. (...) Lembre-se de que não atingiu a meta ainda. O que você quer é vida, não apenas calor. O que você quer... não é apenas convicção, mas conversão. O seu desejo não é só de impressão, e sim de regeneração — ou seja, vida, vida de Deus, a vida de Jesus. E disto que necessitam eles, e você não deve satisfazer-se com menos.

De novo lhes rogo que observem Eliseu. Houve uma pequena pausa. “*Depois voltou, e passou naquela casa duma parte para a outra*”. Observem a inquietação do homem de Deus: não pode ficar sossegado. O menino se aquece (bendito seja Deus por isso), mas não está vivo ainda. Assim, em lugar de sentar-se em sua cadeira, à mesa, o profeta anda de um lado para outro com andar impaciente, intranquilo, gemendo, suspirando, anelante e inquieto. Não poderia suportar o olhar da desconsolada mãe, ou ouvi-la perguntar: “Está restabelecido o menino?”. Continuou, pois, a andar pela casa como se seu corpo não pudesse repousar por não estar satisfeita sua alma.

Imitem esta sagrada inquietação. Quando virem que um rapaz está um tanto impressionado, não vão sentar-se e dizer: “O menino dá muita esperança, graças a Deus: estamos plenamente satisfeitos”. Jamais ganharão a pérola de grande preço desse jeito. Se hão de tornar-se pais espirituais na igreja, é preciso que fiquem tristes, inquietos, perturbados. A expressão de Paulo não é para ser explicada com palavras, mas vocês precisam conhecer o seu significado em seus corações: “de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós”. Oxalá o Espírito lhes dê essas dores internas, esse desassossego, essa inquietação, e essa sagrada intranquilidade, até que os vejam... todos convertidos!

Depois de um breve período andando de cá para lá, o profeta “*tornou a subir, e se estendeu sobre o menino*”. O que é bom uma vez, é bom outra vez. O que é bom duas vezes, é bom sete. Tem que haver perseverança e paciência. Domingo passado vocês foram muito zelosos; não sejam indolentes no domingo que vem. Como é fácil pôr abaixo num dia o que edificamos no dia anterior! Se pelo trabalho de um domingo Deus me capacita a convencer alguém de que eu estava agindo com seriedade, devo tomar cuidado de não a convencer, no domingo seguinte, de que não estou com aquele zelo sério. Se o meu calor passado aqueceu o ‘menino’, não permita Deus que a minha frieza futura torne a esfriar-lhe o coração! Assim como o calor de Eliseu passou á criança, o frio de vocês passará para as pessoas, se não estiverem com a alma cheia de ardor.

Eliseu estendeu-se de novo sobre o leito com muita oração, ansioso e cheio de fé, e por fim obteve o que queria: “*o menino espirrou sete vezes, e abriu os olhos*”. Qualquer movimento seria sinal de vida e alegraria o profeta. Alguns dizem que o menino “espirrou”, porque morrera de uma doença da cabeça, pois havia dito ao pai: “Ai, a minha cabeça! ai, a minha cabeça!”, e os espirros serviram para limpar os condutos vitais que tinham ficado bloqueados. Não sabemos. O ar fresco, ao entrar de novo nos pulmões, bem poderia ter causado os espirros. O som não foi nem bem articulado nem musical, mas foi bom sinal de vida. Isso é tudo que deveríamos esperar das pessoas

quando Deus lhes dá vida espiritual. Alguns membros da igreja esperam muitíssimo mais, porém eu, de minha parte, fico satisfeito se elas ‘espirram’ — se dão algum sinal verdadeiro da graça, por fraco ou vago que seja (...)

Em seguida o menino *abriu os olhos*, e nos aventuramos a dizer que Eliseu achou que jamais tinha visto olhos tão formosos. Não sei de que tipo eram esses olhos, se eram castanhos ou azuis, mas sei que quaisquer olhos que Deus vos ajude a abrir serão belíssimos para vocês. Outro dia ouvi um professor falar de um “excelente rapaz” que fora salvo em sua classe, e outro fez referência a uma “querida jovem” de sua classe que amava Senhor. Não duvido. Seria de estranhar que não parecessem “excelente” e “querida” aos olhos daqueles que os levaram a Jesus, pois para Jesus Cristo os salvos são ainda mais excelentes e queridos. Diletos amigos, queira Deus que com frequência fitem olhos abertos, olhos que, se a graça divina não se tivesse apropriado do ensino ministrado por vocês, teriam permanecido nas trevas, sob o véu da morte espiritual! Então vocês poderão considerar-se deveras favorecidos.

Uma palavra de advertência. Há nesta reunião algum *Geazi*? Se no meio deste grande grupo ... há alguém que não pode fazer mais que levar o bordão, dá-me pena! Ah! meu amigo, que Deus, em Sua misericórdia, lhe dê vida pois, de que outra forma pode esperar ser o meio para ressuscitar a outros? Se Eliseu fosse também um cadáver, seria inútil esperar que a vida fosse comunicada colocando um corpo sobre outro... A mãe morta, queimada pela geada e enregelada, não pode dar alento ao seu filhinho. Que calor e que ânimo podem receber os que ficam a tiritar junto a uma lareira apagada? Assim é você. Oxalá opere a graça em sua alma primeiro, e depois o bendito e eterno Espírito de Deus que, só Ele, pode vivificar as almas, faça de você um instrumento para a vivificação de muitos, para a glória da Sua graça!

Caros amigos, aceitem minhas saudações fraternais, e creiam que minhas fervorosas orações estão com vocês, para que Deus lhes abençoe e lhes faça uma bênção.

Fonte: Capítulo 7 do livro “*O Conquistador de Almas*”. Editora PES (uma palestra dada aos professores de escola dominical, realizada no Tabernáculo Metropolitano, na Manhã de Segunda-feira, 28 de Janeiro de 1867).